



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº92937/86, DOU 18.07.86 – RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº909/95, DOU 01.08.95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO Dr. SALVADOR DA MATTA
IPIAÚ - BAHIA



Claudilson Silva Santos

**A Literatura Regionalista Euclidiana:
a denúncia das desigualdades sociais
no conto "O Velho e os Três Meninos".**

IPIAÚ-
BA 2025

Claudilson Silva Santos

**A Literatura Regionalista Euclidiana:
a denúncia das desigualdades sociais
no conto "O Velho e os Três Meninos".**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras Vernáculas do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, *campus* XXI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adilma Nunes Rocha

**A LITERATURA REGIONALISTA EUCLIDIANA: A
DENÚNCIA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO CONTO
"O VELHO E OS TRÊS MENINOS"**

CLAUDILSON SILVA SANTOS

Aprovado em: 13 / 12 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ADILMA NUNES ROCHA**
Data: 12/01/2026 13:05:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Adilma Nunes Rocha
Orientadora
Universidade do Estado da Bahia

Documento assinado digitalmente
 **ALBIONE SOUZA SILVA**
Data: 16/12/2025 12:51:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Albione Souza Silva
Membro externo
CIEBTEC/SEC/BA

Documento assinado digitalmente
 **IZABEL CRISTINA LIMA DIAS ALVES**
Data: 30/12/2025 13:20:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a M^a Izabel Cristina Lima
Membro interno
Universidade do Estado da Bahia

IPIAÚ-BA
2025

Dedico este trabalho aos meus pais, Luziana e Claudio, trabalhadores rurais que, mesmo sem terem tido acesso à educação, sempre incentivaram todos os filhos a estudar e seguir adiante. Foi com o esforço, a coragem e o exemplo de vocês que aprendi a persistir e a acreditar nos meus caminhos. Esta conquista é minha, mas pertence, antes de tudo, a vocês.

AGRADECIMENTO

A Deus, por sustentar meus passos, iluminar meu caminho e me conceder forças nos momentos de maior desafio.

Aos meus pais, trabalhadores rurais, cuja luta diária e esforço incansável permitiram que seus quatro filhos tivessem oportunidades que eles nunca tiveram. Tudo o que conquistei nasce do exemplo, da coragem e do amor de vocês.

Aos meus irmãos Kaliane, Kaline e Luan, e ao meu cunhado Alexsandro, pelo apoio constante, pelo incentivo sincero e pelo amor incondicional que sempre me acompanharam, mesmo à distância.

À minha companheira, Emanuelle, pelo incentivo do seu jeito tão próprio, pela compreensão nos dias difíceis e pela presença que sempre me fortaleceu.

À minha orientadora, Profa. Adilma, pela paciência, dedicação e acompanhamento atento ao longo desta caminhada, contribuindo para o meu crescimento acadêmico e humano.

Estendo minha gratidão a todos os professores que tive ao longo da vida, que contribuíram para a minha formação profissional.

Aos amigos e colegas da UNEB, que tornaram a jornada mais leve, compartilhando aprendizados, desafios e conquistas.

À minha comunidade, Mata do Sossego, pela força coletiva, pelas raízes que me sustentam e pela identidade que me orgulho de carregar.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que este momento se tornasse possível, deixo aqui meu mais sincero agradecimento.

**“Os lençóis de linho muito alvos deixaram a marca dos corpos
magros e sujos sudários a fome.”**
(NETO, 2013, p. 124)

**“Mas os necessitados jamais serão esquecidos, nem será
frustrada a esperança dos pobres e humildes”**
(Salmo 9, v.18)

RESUMO

Este trabalho analisa a função social da literatura regionalista no conto "O Velho e os Três Meninos" de Euclides Neto, buscando compreender como a narrativa representa as desigualdades e a marginalização social no Nordeste. Trata-se de uma análise sócio-literária qualitativa e bibliográfica, articulando contribuições da crítica literária, especialmente os estudos de Antônio Cândido, com foco na exclusão social e pobreza. A obra de Euclides Neto é examinada como instrumento de denúncia e conscientização, destacando a representação da infância abandonada e da velhice esquecida. Ao retratar personagens marginalizados, o autor visibiliza aqueles invisíveis nas estruturas de poder e políticas públicas. O conto critica a omissão do Estado e a indiferença diante da miséria, usando a literatura como resistência. A linguagem simples e popular do autor intensifica a proximidade com os sujeitos retratados, fortalecendo o impacto social da narrativa. Conclui-se que a literatura regionalista contribui para o registro cultural e para a formação de uma consciência crítica, reafirmando seu papel humanizador e transformador. A obra transcende o campo estético e se insere no debate social como ferramenta de reflexão e denúncia das desigualdades brasileiras.

Palavras-chave: Literatura; Sociocrítica; Euclides Neto; Regionalismo; Desigualdade Social.

ABSTRACT

This paper analyzes the social function of regionalist literature in the short story "The Old Man and the Three Boys" by Euclides Neto, aiming to understand how the narrative represents social inequalities and marginalization in the Northeast. It is a qualitative and bibliographic socio-literary analysis, integrating contributions from literary criticism, particularly the studies of Antônio Cândido, with a focus on social exclusion and poverty. Euclides Neto's work is examined as an instrument of denunciation and awareness, highlighting the depiction of abandoned childhood and forgotten old age. By portraying marginalized characters, the author brings visibility to those who are invisible within structures of power and public policy. The story criticizes the state's omission and indifference in the face of misery, using literature as a means of resistance. The author's simple and popular language enhances the closeness to the portrayed subjects, strengthening the social impact of the narrative. It is concluded that regionalist literature contributes to cultural record-keeping and the development of a critical consciousness, reaffirming its humanizing and transformative role. The work transcends the aesthetic field and enters social debate as a tool for reflection and a denunciation of Brazilian inequalities.

Keywords: Literature; Sociocritical analysis; Euclides Neto; Regionalism; Social Inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA.....	11
1.1 O que é Literatura e sua relação com a sociedade	11
1.2 Crítica Literária e Sociologia	12
1.3 A Literatura como forma de denúncia das desigualdades sociais.....	17
2. EUCLIDES NETO: O HOMEM, SEU TEMPO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA 19	
2.1 Euclides Neto: o homem	19
2.2 Euclides Neto: seu tempo	21
2.3 Euclides Neto: produções literária	24
3. A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA REGIONALISTA EUCLIDINETIANA NO CONTO <i>O VELHO E OS TRÊS MENINOS</i>.....	27
3.1 A Literatura Regionalista como instrumento de crítica social	27
3.2 O Conto <i>O Velho e os Três Meninos</i> : representação das desigualdades e marginalização social	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, em suas diversas manifestações, tem desempenhado papel fundamental na construção da identidade cultural e social do país, principalmente quando se volta para o regionalismo. Esse forma literário retrata as especificidades locais, expondo as condições de vida, os costumes e as problemáticas sociais das comunidades. Nesse sentido, a obra de Euclides Neto, importante escritor regionalista baiano, destaca-se por representar a dura realidade da região de Ipiaú, na Bahia, durante um período marcado pelo declínio da lavoura cacaueira, principal atividade econômica. Tal declínio foi provocado por um fungo *crinipellis pernicioso* detectado nos anos finais da década de 1980 conhecida popularmente como a “vassoura de bruxa”, além do sol abrasador que assolava a população local.

Por meio de sua literatura, Euclides Neto narra as experiências cotidianas dos habitantes da região e cumpre uma função social ao denunciar as desigualdades e as condições adversas enfrentadas, em especial, pela infância em situação de vulnerabilidade. O conto “*O Velho e os Três Meninos*” é exemplar nesse sentido pois revela as marcas da pobreza, da exclusão e do abandono social vividos pelas crianças em meio à seca e ao contexto de marginalização da época.

Este trabalho se propôs a analisar, por meio do método sociológico, como a literatura regionalista euclidiana utiliza-se da denúncia social para refletir as desigualdades históricas e sociais da região de Ipiaú. A investigação partiu da questão-problema: de que maneira a literatura de Euclides Neto denuncia as desigualdades sociais e a marginalização da infância em situação de vulnerabilidade em seu contexto histórico? Essa questão orientou a análise do conto, uma vez que busca-se compreender a relação entre literatura, sociedade e as condições concretas de vida daquela época e lugar.

Para responder a essa problemática, levantou-se as hipóteses: (a) a obra de Euclides Neto denuncia explicitamente as dificuldades impostas pela praga e pela seca e as condições adversas enfrentadas pela população; (b) o conto “*O Velho e os Três Meninos*” representa de forma crítica e simbólica a vulnerabilidade da infância, expondo a ausência do Estado e o abandono social; e (c) o regionalismo literário é utilizado como um instrumento de denúncia social e resistência cultural, conforme apontam autores como Britto (2022) e Ferreira (2018).

O objetivo geral deste estudo foi analisar na representação regional a denúncia das desigualdades sociais na literatura de Euclides Neto, com enfoque no conto “*O Velho e os Três Meninos*”. Os objetivos específicos foram: (1) discutir a função social da literatura

com base em teóricos da sociologia da literatura; (2) apresentar a literatura regionalista euclidiana como retrato e crítica da região de Ipiaú; (3) analisar, a partir do método sociológico, a função social da literatura euclidiana apresentada no conto, destacando os elementos de denúncia social.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, articulada ao método sociológico de análise literária, que permite compreender o conto em sua dimensão social e histórica. O procedimento consistiu na seleção e interpretação crítica de textos literários e estudos acadêmicos que abordam a produção de Euclides Neto, a função social da literatura e as condições sociais da região de Ipiaú durante a praga na lavoura cacaueteira e a seca.

O embasamento teórico deste trabalho apoiou-se em Antônio Cândido e Alfredo Bosi, que discutem a função social da literatura. Também recorreu-se aos estudos de Silva (2019), Britto (2022), Corrêa, (2005)., Maciel et al (2020) e Haddad, (2023) que foram essenciais para compreender a representação da desigualdade na obra de Euclides Neto.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. O capítulo 1, **A Função Social da Literatura**, aborda a relação entre literatura e sociedade, destacando as teorias que fundamentam a função social do texto literário como forma de crítica social. O Capítulo 2, **Euclides Neto: o escritor, seu tempo e sua produção** apresenta a biografia do autor, suas principais obras e o regionalismo como característica marcante. O Capítulo 3, **A Função Social da Literatura Regionalista Euclidiana no conto “O Velho e os Três Meninos”** realiza a análise sociológica da obra, evidenciando a denúncia das desigualdades sociais e da marginalização da infância no contexto da seca e da exclusão.

1 - A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA

1.1 O que é Literatura e sua Relação com a Sociedade

A literatura é uma das mais antigas formas de expressão humana. Desde os tempos antigos, o ser humano utiliza a palavra escrita e oral para representar o mundo, questionar suas estruturas e compartilhar experiências, valores e emoções. Contudo, mais do que simples ficção ou estética textual, a literatura desempenha um papel crucial enquanto espaço de reflexão crítica e intervenção social.

Quando compreendida em sua dimensão social, a literatura assume a função de representar a realidade ao denunciar as desigualdades, injustiças, contradições e, por vezes, possibilidades de transformação. Ela pode ser entendida como uma manifestação artística que se expressa por meio da palavra escrita artística, traz em si a capacidade de representar, simbolizar e refletir os aspectos mais amplo da experiência humana.

De acordo com Cândido (2006), a literatura ultrapassa o campo da estética ou do entretenimento e se conecta diretamente às estruturas sociais, culturais e históricas que moldam a vida em sociedade. A obra literária, portanto, torna-se um reflexo do mundo, além de ser também um instrumento de interpretação da realidade, permite aos sujeitos a compreensão melhor das suas próprias condições de existência. Dessa forma, ele conceitua:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 1995, p. 174).

Nesse sentido, Cândido abre espaço para compreender a literatura como instrumento de resistência, inclusão e representação. Ao legitimar as produções populares e marginalizadas, a literatura se torna um espaço de visibilidade para vozes historicamente silenciadas e atua como meio de denúncia das desigualdades sociais e de afirmação identitária. Assim, além de seu valor estético, a literatura cumpre uma função ética e política, capaz de intervir no tecido social e de promover a construção de uma consciência crítica.

Para o teórico, a literatura é um direito humano fundamental, pois atua na formação ética, crítica e sensível dos indivíduos. Ela contribui para desenvolver empatia, imaginação e pensamento crítico, tornando-se essencial para a construção de uma sociedade mais justa

e consciente. Ela não pode ser desvinculada do tecido social, uma vez que ela tanto nasce das contradições sociais quanto as evidencia, ao demonstrar as dinâmicas de poder, as desigualdades e os processos culturais que atravessam a vida coletiva.

Conforme as ideias do referido teórico, a literatura é um fenômeno social que se concretiza na interação entre autor e leitor e só se realiza quando inserida em seu contexto histórico e social, refletindo valores, experiências e questões da época em que foi produzida. Desta maneira, ao abordar a função social da literatura, a obra literária não pode ser dissociada do contexto histórico e social em que é produzida. Isso porque a literatura oferece uma leitura crítica do mundo e pode ser considerada uma forma de sociologia poética, uma vez que apresenta narrativas que, embora ficcionais, estão ancoradas em contextos históricos, políticos e sociais.

Contudo, destacamos que a obra literária constitui um olhar sobre a realidade orientada pelas intenções e pela visão de mundo do escritor. Assim, a literatura reflete as condições sociais de sua produção, ao mesmo tempo em que desempenha um papel crítico e transformador, capaz de questionar e intervir nas estruturas da sociedade.

Além disso, a função social da literatura reside na sua capacidade de traduzir o invisível, de dar forma e voz àquilo que está ausente dos discursos hegemônicos. Paulo Roberto Haddad (2023) ao discutir a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil, chama a atenção para a necessidade de enfrentamento sistêmico dessas questões. Portanto a literatura, ao tornar visível a miséria e a exclusão, pode funcionar como denúncia e também como um convite à construção de uma sociedade mais justa.

Nesta perspectiva, autores como Euclides Neto fazem parte de uma tradição literária que vai além da estética ou à erudição. Pelo contrário, como ressalta a pesquisadora Britto (2022), “sua obra se insere num projeto de transformação social por meio da linguagem. O autor não escreve sobre o povo; ele escreve para o povo, e muitas vezes, com o povo, utilizando vocabulários regionais e retratando práticas e crenças populares, como se vê em *Dicionareco das roças de cacau e arredores* (2013)” (p 06).

1.2 Crítica Literária e Sociologia

Segundo Cândido (2006), a intersecção entre literatura e sociologia, portanto, fundamenta-se na compreensão da função social da arte literária. A sociologia, enquanto ciência que analisa as estruturas sociais, e a literatura, enquanto manifestação estética dessas estruturas, dialogam constantemente. Ambas apontam para as contradições da sociedade e

para as possibilidades de transformação. Por sua vez, Ferreira (2018, p. 54), destaca que “a literatura é uma lente de aumento da realidade: ela amplia aquilo que o olhar social muitas vezes ignora”.

O estudo de Sainte-Beuve, retomado por Cândido (2006), demonstra que o artista não atua como espelho do mundo exterior, mas como um sujeito que transforma a realidade por meio de sua sensibilidade e expressão artística. Desse modo, percebe-se que a literatura vai além da reprodução da realidade, o artista recria dando novos sentidos. A visão do referido autor nos diz que a criação literária nasce da relação entre o escritor e o meio em que vive, sendo mediada por sua sensibilidade e perspectiva pessoal.

A análise sobre a relação entre literatura e sociedade exige compreender os limites de cada campo de estudo. Cândido aponta que a sociologia deve atuar como uma ferramenta de apoio na análise literária, sem reduzir a arte a um simples reflexo social. Como afirma o autor:

O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos. Em relação a grande número de fatos dessa natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável (CÂNDIDO, 2006. p.27).

Ele reconhece a contribuição da sociologia para os estudos literários e destaca a importância de manter a autonomia estética da obra. Dessa forma, propõe uma relação equilibrada entre arte e sociedade, na qual a perspectiva sociológica auxilia na compreensão do texto sem restringir sua dimensão artística.

A partir dessa constatação, traz em seu texto os seguintes questionamentos: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”. Essas questões abrem caminho para analisar como a literatura tanto se molda ao contexto social quanto contribui para a crítica e transformação da realidade em que se insere.

Ao estudar a relação entre arte e sociedade, é possível perceber que a obra literária ou artística problematiza o meio em que é produzida e, simultaneamente, atua sobre os indivíduos e transforma seus comportamentos e valores. Nesse sentido,

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CÂNDIDO, 2006. P.30).

A citação acima apresenta a arte literária como um fenômeno social ativo, que tanto é influenciada pelo meio quanto exerce efeitos sobre os indivíduos. Ao ressaltar que esses impactos independem da consciência de artistas e público, evidencia-se que a função social da arte vai além da intenção do autor, ou seja, funciona como instrumento de reflexão, crítica e transformação da sociedade.

Segundo Cândido, a análise da influência social sobre a arte deve considerar os fatores socioculturais, que atuam de maneiras distintas no processo artístico. Entre eles, destacam-se a estrutura social, os valores e ideologias, e as técnicas de comunicação. Esses fatores influenciam a posição social do artista e do público, moldam forma e conteúdo da obra, e orienta sua elaboração e transmissão. Assim, o artista, movido por necessidades internas, escolhe temas, formas e estilos conforme seu contexto, e a obra resultante exerce impacto sobre a sociedade.

Para estudar a relação entre sociedade e arte, é necessário investigar como cada componente da comunicação artística é moldado pelo contexto social. Nesse sentido,

Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — Autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarecer a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). (CÂNDIDO 2006. P32)

A interação entre autor, obra e público, conforme o estudioso, indica que a produção artística está inserida em um contexto social e que a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto atua sobre ela e molda seus valores e percepções. Essa visão reforça a importância da análise sociológica para compreender plenamente o processo criativo da arte.

Portanto, a literatura quando associada à sociologia, constitui um importante instrumento de análise e denúncia das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade, a exclusão e a marginalização. Embora adotem métodos distintos, ambas as áreas convergem em um mesmo propósito: compreender a realidade social e dar visibilidade às vozes historicamente silenciadas.

Entretanto há de se cuidar da relação obra, sociedade e autor. De acordo com Corrêa (2005), devemos ter o cuidado de não confundir a crítica biográfica com a crítica sociológica, isso porque enquanto a primeira considera a vida do autor a segunda está focada nos grupos sociais, ou seja, uma visão ampla da sociedade, no qual o autor pertence. A autora

exemplifica a ideia acima citando a obra *Memória do Cárcere* de Graciliano Ramos, que em uma possível crítica biográfica remetia a prisão de Ramos no Estado Novo de Vargas e a obra em questão seria o depoimento pessoal do autor sobre o período em que passou na prisão. Já na crítica sociológica na posse das mesmas informações, o leitor leria *Memórias de Cárceres* com uma visão além da vida pessoal de Ramos, mas como relato de sofrimento e represália da sociedade durante o Estado Novo.

De acordo com Barberis (1996, apud CORRÊA, 2005) o papel da crítica sociológica é fazer com que o leitor observe o mundo ao redor e perceba que hábitos, crenças e valores não são naturais nem eternos. A partir disso, compreendemos que o que julga como "verdade absoluta" pode não ser, que a sociedade pode e deve mudar, e que muitas coisas consideradas impróprias são apenas condenadas pelos valores sociais atuais.

Ao perceber que a própria consciência é manipulada por ideias que são convenções arbitrárias e não verdades, o leitor se torna mais forte e capaz de agir positivamente no mundo. O autor ressalta que “essa prática exige esforço, pois alguns textos podem tentar reforçar valores e preconceitos, e um leitor ingênuo pode aceitar esses pontos de vista sem questioná-los”. (BARBERIS 1996, p.142, APUD CORRÊA 2005).

Ainda segundo Corrêa (2005), os primeiros autores a fazer este tipo de crítica em que tentavam relacionar literatura e sociedade foram os franceses Mm. Stael (1766-1817) e Hyppolite Taine (1828-1839). No Brasil a autora destaca Sílvio Romero no século XIX. No século XX muitos estudiosos contribuíram para a crítica sociológica, alguns deram ênfase para sociologia enquanto outros partem para o fator estético-literário da obra. Dentre esses, destacam-se Gyorgy Lukács e Mikhail Bakhtin..

Lukács traz sua crítica literária de base marxista que estabelece uma relação entre a evolução das formas literárias e o desenvolvimento do capitalismo, onde a literatura reflete a realidade social em aspectos descritivos na estrutura do texto e revela a forma como a sociedade está organizada.

Bakhtin contribuição para a crítica literária, com a criação dos conceitos dialogismo, carnavalização e cronótopo. O dialogismo é o diálogo, pois considera a presença de um interlocutor real ou imaginário e suas possíveis reações. Assim, a linguagem literária, é sempre uma interação entre vozes e perspectivas. Já carnavalização é a elaboração do “mundo às avessas”, recurso de origem popular que, ao inverter a ordem social, permite ao leitor refletir criticamente sobre a realidade. Essa inversão revela tensões, contradições e críticas à estrutura dominante da sociedade. E por fim, o cronótopo, que remete ao conjunto de relações entre

espaço e tempo dentro da obra literária, mostrando como esses elementos se articulam para construir o sentido da narrativa. (CORRÊA 2005, p. 148).

Corrêa também destaca a perspectiva de crítica sociológica de Antônio Cândido, para o referido teórico a literatura mantém uma relação de troca com a sociedade, pois é influenciada pelo contexto social em que é produzida e, ao mesmo tempo, influencia esse próprio contexto. A obra literária expressa valores, costumes e contradições de seu tempo e contribui para a construção do imaginário coletivo da maneira como as pessoas compreendem a realidade.

Essa relação manifesta-se tanto na parte mais visível do texto como a descrição de cenários, personagens e comportamentos, quanto em aspectos mais complexos, como a forma de organizar ideias, representar emoções e dar sentido à experiência humana. Dessa forma, para o teórico, a literatura é um meio de transformar a sociedade por meio da arte.

Cândido (apud Corrêa 2005), também propõe uma subdivisão possível das obras literárias em dois grupos: arte de agregação e arte de segregação. A primeira seria um tipo de arte que se inspira “na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis” (CÂNDIDO, 1985, p. 23). A segunda, a arte de segregação, está preocupada em inovar o sistema simbólico. “Por sistema simbólico, entenda-se todo um complexo de esquemas e estruturas que já estão incorporados ao imaginário coletivo. E isso pode acontecer tanto na forma quanto no conteúdo”. (CÂNDIDO, 1985, p. 23).

Com base nessa perspectiva, o estudioso argumenta que a obra literária pode tanto aproximar quanto afastar o leitor. Obras de agregação costumam dialogar com o gosto popular, ao utilizar estruturas conhecidas e de fácil compreensão. Já as obras de segregação buscam romper com convenções estéticas e narrativas exige do leitor maior esforço interpretativo. Como exemplo, o autor compara os chamados *romances “para mocinhas”*, que seguem fórmulas previsíveis e agradam ao grande público, com *A Metamorfose*, de Franz Kafka, que propõe um enredo incomum e desafiador. Essa comparação evidencia como certas obras são mais acessíveis, enquanto outras se distanciam do leitor comum por sua complexidade.

Vale ressaltar que, embora a crítica sociológica contribua para compreender a literatura como produto de seu tempo, é necessário evitar uma visão única e reducionista. A literatura representa a realidade, questiona-a, reinventa-a e propõe outras formas de interpretá-la. Por isso, a análise literária deve buscar equilíbrio entre diferentes abordagens sociais, estéticas, psicológicas e filosóficas a fim de respeitar a complexidade da obra. Assim, é possível compreender a literatura em toda a sua riqueza, como forma de expressão que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço e dialoga com as diversas dimensões da experiência humana.

Portanto, fundamentados dos autores citados acima, percebemos que a literatura e

sociologia, embora pertençam a campos distintos, mantêm uma relação de complementaridade, pois ambas se dedicam à compreensão da realidade humana em suas múltiplas dimensões. Quando a literatura assume uma função social, ela ultrapassa o aspecto estético e converte-se em instrumento de análise, denúncia e conscientização. Seus personagens representam sujeitos históricos, portadores de experiências coletivas que a sociologia busca interpretar e compreender.

1.3 A Literatura Como Forma de Denúncia das Desigualdades Sociais

A literatura sempre desempenhou papel essencial na formação das consciências, por injustiças, provocar reflexões e expor as contradições sociais. No Brasil, essa função é notória, principalmente a partir do século XX, quando diversos autores como Graciliano Ramos e Carolina Maria de Jesus, Jorge Amado que expõem a pobreza e a opressão no Nordeste.

Isso porque a literatura, além de ser uma forma de expressão artística, se apresenta como meio de denúncia das injustiças e desigualdades presentes na sociedade. Para Cândido (2000), a produção literária está ligada ao contexto social de seu tempo e frequentemente reflete as tensões, os conflitos e as opressões vividas pelos grupos marginalizados. E, a partir dessa premissa, “A literatura cumpre uma função humanizadora, pois nos faz compreender o sofrimento e a desigualdade, convertendo a dor do outro em experiência partilhada. (CÂNDIDO, 2006, P. 176).

Segundo Haddad (2023), a pobreza e as desigualdades no Brasil são estruturais e históricas, e somente podem ser enfrentadas com o reconhecimento de suas causas, algo que a literatura, ao representar essas realidades, contribui significativamente para realizar. Ou seja, ao abordar os problemas sociais por meio da ficção, a literatura promove uma compreensão mais abrangente da realidade.

Portanto, a literatura em diferentes momentos da história brasileira, tem se mostrado uma ferramenta de denúncia social e de reflexão crítica. Assim, podemos observar que os escritores utilizam suas escritas para denunciar e despertar o senso crítico de seus leitores.

Nesta linha de reflexão, podemos também citar Conceição Evaristo, escritora que utiliza a literatura como instrumento de denúncia das mazelas sociais, do racismo e das desigualdades que atingem especialmente a mulher negra. Sua obra expressa resistência e reafirma a importância da literatura como espaço de voz e visibilidade para sujeitos historicamente marginalizados.

Graciliano Ramos também utiliza da narrativa literária em seus livros para denunciar as desigualdades sociais e a marginalização do povo nordestino diante da seca e da miséria como em *Vidas Secas*, onde autor demonstra a resistência do povo nordestino diante da seca e da pobreza, ao mesmo tempo em que denuncia as desigualdades sociais.

E também pomos em tela Euclides Neto, cuja obra está enraizada na realidade do povo do interior da Bahia, mais especificamente da região cacaueira de Ipiaú-ba. Sua escrita é marcada pela valorização do regionalismo e pelo engajamento político, sendo exemplo claro de literatura de denúncia das desigualdades sociais.

2. EUCLIDES NETO: O HOMEM, SEU TEMPO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

2.1 Euclides Neto: o homem

A trajetória de Euclides Neto (1925–2000), tal como apresentada neste trabalho, baseia-se principalmente nos depoimentos reunidos nas obras organizadas por Denise Mendonça Teixeira, filha do autor. Esses registros permitem compreender a formação intelectual, política e literária de Euclides Neto em estreita relação com o contexto histórico brasileiro do século XX.

Nascido em 11 de novembro de 1925, no distrito de Genipapo, na Bahia, Euclides José Teixeira Neto passou a infância entre deslocamentos no interior do estado, fixando-se ainda menino em Tesouras, atual Ibirataia. Nesse ambiente rural, iniciou sua alfabetização com uma professora informal, experiência que marcaria sua sensibilidade social e sua atenção às desigualdades. Como observa Silva (2019), sua infância transcorreu em meio às tensões políticas que acompanharam a consolidação do governo de Getúlio Vargas, contexto que contribuiria para a formação de sua consciência política.

A mudança para Salvador, ainda jovem, ampliou seus horizontes intelectuais. Na capital, contou com a orientação do padre e cientista Camillo Torrend, figura fundamental para seu acesso a leituras, debates e oportunidades de trabalho. Posteriormente, ao cursar o ensino médio no Colégio Estadual Central da Bahia, produziu seu primeiro ensaio e aprofundou seu envolvimento com questões políticas, culminando em sua filiação ao Partido Comunista. Essa fase foi decisiva para a consolidação de uma postura crítica que atravessaria tanto sua atuação pública quanto sua obra literária.

Formado em Direito, Euclides Neto estabeleceu-se como advogado em Ipiaú, mantendo também vínculos profissionais com Salvador. Casou-se com Angélia Jaqueira Teixeira, com quem construiu uma família numerosa, e viveu o período de otimismo desenvolvimentista que marcou os anos de Juscelino Kubitschek. Nesse contexto, adquiriu a Fazenda Diamantina, espaço onde articulou práticas de preservação ambiental e reflexão social, em consonância com sua visão humanista. Paralelamente, consolidava-se como escritor, publicando romances que dialogavam diretamente com as contradições sociais do país.

Sua atuação política ganhou maior projeção quando assumiu a prefeitura de Ipiaú, em um momento de intensas transformações no cenário nacional e internacional. O Brasil vivia o impacto da Revolução Cubana, a criação da Sudene e a inauguração de Brasília, ao mesmo tempo em que se aprofundavam disputas ideológicas no plano interno. Durante sua gestão,

Euclides Neto implementou a Fazenda do Povo, projeto pioneiro de reforma agrária que expressava seu compromisso com a justiça social, mas que também lhe rendeu perseguições políticas e a abertura de um inquérito militar após o golpe de 1964. Ainda assim, o município alcançou reconhecimento estadual, sendo considerado Município Modelo da Bahia.

Com o endurecimento do regime militar, Euclides afastou-se do executivo municipal, retomou a advocacia e passou a integrar a oposição institucional ao regime, participando da fundação do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Esse período foi marcado por forte instabilidade política e cultural no país, atravessado pelo AI-5, pela emergência do tropicalismo e por episódios de violência política que repercutiram em toda a América Latina. Nesse contexto, sua produção intelectual manteve-se ativa, ao mesmo tempo em que ampliava sua experiência internacional por meio de viagens que o colocaram em contato com diferentes realidades sociais e políticas.

A partir do final dos anos 1970, sua produção literária intensificou-se, com a publicação de romances e textos de não ficção que articulam memória, crítica social e testemunho histórico. Obras como *O patrão*, *Comercinho do poço fundo*, *Os genros*, *Machombongo* e o relato *64: um prefeito, a revolução e os jumentos* evidenciam a centralidade da experiência política e do mundo rural em sua escrita. Paralelamente, manteve participação ativa na vida pública e cultural, destacando-se a criação do Museu do Lavrador, iniciativa voltada à valorização da memória do trabalhador rural.

Com o avanço do processo de redemocratização, Euclides Neto voltou a ocupar cargos públicos de destaque, especialmente na área da reforma agrária, alcançando reconhecimento nacional por sua atuação. Esse período coincide com profundas mudanças no cenário político mundial e brasileiro, como a promulgação da Constituição de 1988 e a reconfiguração do sistema político após o fim da ditadura. Além da atuação administrativa, intensificou a publicação de crônicas e artigos na imprensa, consolidando-se como um intelectual público atento às transformações sociais de seu tempo.

Nos últimos anos de vida, já com a saúde fragilizada, Euclides Neto afastou-se progressivamente da política institucional e voltou-se de forma mais concentrada à literatura. Publicou obras voltadas tanto à memória quanto à reflexão social, entre elas *O menino traquino*, *A enxada*, *Dicionareco* e *Trilhas da reforma agrária*, além de concluir o livro de contos *O tempo é chegado*. Membro das Academias de Letras de Ilhéus e de Jequié, faleceu em 2000, aos 73 anos. Sua obra, marcada pelo diálogo entre literatura, política e experiência histórica, passou a ser objeto de atenção acadêmica logo após sua morte.

2.2 Euclides Neto: seu tempo

Segundo Cardoso (2006), as produções literárias de Euclides Neto são marcadas pelo contexto histórico, econômico e político do sul da Bahia, especialmente na região cacaueira. Desde o final do século XIX até meados do século XX, o cacau foi a principal base econômica da região, consolidando uma estrutura social calcada no latifúndio e no poder dos grandes fazendeiros.

Silva (2019), também destaca que o contexto social e econômico da região cacaueira moldou completamente a experiência de vida do autor. Durante grande parte do século XX, o sul da Bahia foi marcado pela monocultura do cacau, com vastos latifúndios concentrando poder e riqueza nas mãos de poucos proprietários. Essa realidade criou uma sociedade hierarquizada, na qual os trabalhadores rurais agregados, colonos e meeiros viviam sob forte dependência econômica e social.

A prosperidade da lavoura, acompanhada da exploração, gerava um ambiente de desigualdade e tensão, experiências que Euclides Neto observou desde cedo e que mais tarde se refletiriam em sua produção literária como exemplo *O tempo é chegado*, em que nos contos retrata o auge e decadência da monocultura do cacau, como afirma Rocha (apud Britto, 2019):

No caso específico do Sul da Bahia, principal área produtora do Estado e do país, a região vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades. Os reflexos da crise que se instalou de forma mais aguda no início dos anos 1990 decorrem de uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, uma doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa [sic] (*Crinipellis perniciosa*). Esses elementos em conjunto, foram responsáveis pela origem de grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental, apresentasse altamente danosos (ROCHA, 2008, p. 14).

Silva observa que a infância e juventude em Rio Novo permitiram ao autor a testemunhar de perto o coronelismo, a disputa política local e as consequências sociais da concentração fundiária, aspectos que se tornaram temas recorrentes em suas narrativas. Neto retrata, em seus contos e romances, a vida de trabalhadores submetidos a condições de exploração e opressão, assim como os mecanismos de poder que sustentavam a estrutura agrária da região. O contato direto com essas realidades forneceu a base para a crítica social presente em obras como *Machombongo* e *O tempo é chegado*, nas quais a ficção se articula com denúncia e memória social.

Outro elemento decisivo para a trajetória do autor foi o Golpe Militar de 1964. O autoritarismo reforçou ainda mais o poder dos latifundiários e dificultou a luta por direitos dos trabalhadores rurais. Na atuação como advogado e gestor político, Neto envolveu-se com pautas de reforma agrária e justiça social, tornando-se figura incômoda para grupos dominantes. Ferreira (2018, p. 12) observa que “o autor vivenciou diretamente os conflitos entre elites agrárias e movimentos populares durante os anos da ditadura, o que ecoa em suas obras como denúncia das relações de opressão”.

Em seu texto *Os Despossuídos da Terra*, conforme Silva, Neto que vivenciou diversas situações em sua trajetória política neste período, as expõe em seu livro de memórias *1964: um prefeito, a revolução e os jumentos*. No livro relata a violência traumática ao responder um inquérito policial e também revela a violência sofrida diariamente pelos trabalhadores rurais e camponeses, resultado da ação dos coronéis do cacau em articulação com autoridades omissas e coniventes. O estudioso também deixa claro que Neto sofreu perseguições no golpe de 64 sendo considerado socialista por ter desapropriado fazendas para doar as terras aos trabalhadores, o que resultou em um interrogatório dos militares, assim descrito em sua obra:

Dizem que o senhor invadiu as terras de João Caricchio com centenas de homens armados! – Parece que a informação não é exata. Realmente desapropriei uma parte da fazenda do senhor João. Depois requeremos ao juiz de Direito imissão na posse, que foi concedida. Então mandamos o povo construir as palhoças. Antes, tentamos por todos os meios comprar a área. [...] Quando esgotei os meios amigáveis foi que parti à desapropriação. A terra não se usava nada: nem cacau, nem capim. Sem qualquer lavoura. Senhor João Caricchio não dava, nem vendia, não loteava e nem sequer usava para qualquer fim. Simplesmente pirraça contra os pobres. (NETO, 1983, P 115).

O autor destaca o conflito entre grandes proprietários e trabalhadores rurais, as disputas pela posse e uso da terra na região cacaueira. O trecho retrata a desapropriação como um ato de justiça social, denúncia da concentração fundiária e o caráter improdutivo das terras mantidas pelos fazendeiros, em oposição às necessidades dos mais pobres.

Entre 1962 e 1963, a região sul da Bahia enfrentou um período de seca severa, que provocou demissões em massa de trabalhadores rurais em Ipiaú e municípios vizinhos. Diante dessa crise, o então prefeito de Ipiaú desapropriou uma área rural de 157 hectares, localizada a 11 km da sede municipal, pertencente ao espólio de Ezidro Nunes Rezende, conhecida como Bury, Santo Antônio e Bom sem Farinha.

Tal ação, reconhecida como a primeira desapropriação de terras com fins de reforma

agrária realizada por um prefeito na Bahia, teve como objetivo garantir aos trabalhadores desempregados condições de subsistência por meio da produção agrícola em regime de uso coletivo.

Essa foi a principal justificativa apontada por Neto para desapropriar propriedades privadas. Assim ele explica a motivação de criar a primeira experiência de reforma agrária em Ipiaú, “A Fazenda do Povo”, no seu livro *64: a revolução o prefeito e os jumentos*:

[a Fazenda do Povo] Nasceu da vontade de fazer uma experiência socialista, sem ficar somente na proveta do laboratório de sociologia e política. (...) Com as secas e as fazendas despejando gente, quem mais sofria era o pai de família numerosa, o velho de braços flácidos, o homem de pereba na perna, a mulher abandonada que descaroça cacau e oferendava amor, mas chega ao ponto de não ter mais carne, porque a fome transformou-a em bagaço seco: sem forma nem gosto. Era o que chamamos de sucata de gente. (NETO, 1983, P 120).

Percebemos que a criação da Fazenda do Povo é uma tentativa prática de promover justiça social diante da miséria causada pela seca e pela expulsão de trabalhadores das fazendas de cacau.

O autor também denuncia a desumanização dos pobres, idosos, doentes e mulheres abandonadas transformados em “sucata de gente” pela fome e pela exclusão. Com isso vemos o compromisso social de Euclides Neto, que utiliza a literatura para denunciar a desigualdade e valorizar a dignidade dos trabalhadores rurais.

Ainda segundo Silva (2019), nas décadas de 1970 e 1980, a crise da produção cacaueira provocada pela queda no preço do produto e pela praga conhecida como “vassoura-de-bruxa” ampliou a desigualdade social na região. Sobre esse período de decadência, Brandão de Souza (2019, p. 7) observa que “o colapso das fazendas de cacau revelou a fragilidade da estrutura socioeconômica que dependia exclusivamente da monocultura”. Esse cenário é retratado nas produções de Euclides Neto, que representa o sofrimento e a resistência dos trabalhadores rurais diante da pobreza crescente devastação da cultura cacaueira.

Desse modo, observamos que sua produção literária está intimamente ligada aos processos históricos do sul da Bahia, o auge e a crise do cacau, o coronelismo e a Ditadura Militar de 64. Em suas obras, Neto faz questão de demonstrar suas experiências vividas e mostrar a desigualdade agrária e o domínio das elites rurais. Portanto, sua escrita torna-se um espaço de resistência e memória.

Conforme sintetiza Ferreira (2018, p. 56), “Euclides Neto escreve para revelar o que foi silenciado: a dor, o trabalho e a cultura dos homens e mulheres do cacau”. Para Silva (2019),

suas narrativas colocam o trabalhador rural no centro da história para reafirmar seu compromisso com as causas sociais e opressões.

Assim, a obra de Euclides Neto retrata o cotidiano do sul da Bahia em específico a região cacaueira de Ipiaú e a relação entre história, política e literatura. Trata-se das experiências de uma região marcada pelo cacau, pelo coronelismo e pelas tensões políticas que moldaram a voz crítica e engajada do autor. Sua literatura torna-se um instrumento de registro e resistência e a memória de sujeitos esquecido pela sociedade.

Portanto, sua trajetória deve ser lida por um contexto político marcado por tensões agrárias, queda da produção cacaueira, pela vassoura de bruxa, pelo surgimento de movimentos sindicais e pelas políticas autoritárias que atravessaram a Ditadura Militar.

2.3 Euclides Neto: sua produção literária

Euclides Neto (1925–2000) insere-se na tradição da literatura regionalista comprometida com os sujeitos do campo, especialmente da zona cacaueira de Ipiaú, sua cidade natal. Sua obra nasce das tensões sociais do interior baiano e aborda temas como coronelismo, desigualdade social, concentração fundiária e abandono das populações rurais. Conforme observa Britto (2022, p. 3), “Euclides Neto utilizava a ficção como instrumento de denúncia social”, conferindo voz a trabalhadores e crianças pobres historicamente silenciados. Sua produção caracteriza-se por uma linguagem acessível e forte engajamento social, abrangendo romances, contos, novelas e o Dicionareco, sempre com o intuito de valorizar o vocabulário regional e problematizar as injustiças sociais.

Mesmo enraizada no contexto regional, a literatura de Euclides Neto alcança dimensão universal ao tratar de temas como opressão, desigualdade, infância, velhice e luta pelos direitos dos trabalhadores. As reflexões de Antônio Cândido reforçam essa perspectiva ao afirmar que a literatura é “um direito de todos, pois contribui para a formação da consciência e da sensibilidade” (CÂNDIDO, 2011, p. 173).

Para Ferreira (2018, p. 27), a obra do autor “propõe uma reflexão sobre a violência institucionalizada e a marginalização do sujeito rural”. Nesse sentido, Neto constrói uma literatura voltada ao povo, defendendo que o leitor deve “se ver nas histórias e se reconhecer nos conflitos” (NETO, 1998, p. 48).

Ao longo de sua trajetória, o autor representa os trabalhadores da zona rural submetidos à exploração e à injustiça no campo. Entre suas principais obras, destacam-se: *Birimbau* (1946), *Vida Morta* (1947), *Os Magros* (1961), *O Patrão* (1978), *Comercinho do Poço Fundo* (1979), *Os Genros* (1981), *64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos* (1983), *Machombongo* (1986), *O Menino Traquino* (1994), *A Enxada e a Mulher que venceu seu Próprio Destino* (1996), *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores* (1997), *Trilhas da Reforma Agrária* (1998) e *O Tempo é Chegado* (2001).

O romance *Machombongo* (1986) evidencia os conflitos entre o poder político local e os anseios populares em uma cidade fictícia da zona cacauceira. A narrativa revela os mecanismos de dominação e os dilemas éticos de personagens que oscilam entre a submissão e a resistência. Segundo Ferreira (2018), a construção psicológica das personagens expõe uma sociedade marcada por estruturas autoritárias e desiguais, funcionando como denúncia das injustiças sociais e políticas da região.

Nesse contexto, os fazendeiros detinham amplos poderes, frequentemente respaldados pela justiça, expandindo suas propriedades por meio da invasão de terras e da expulsão de posseiros. Muitos trabalhadores empobreciam e, sem alternativas, retornavam às fazendas como empregados ou migravam para as cidades, realidade retratada no conto *O velho e os três meninos*, da obra *O Tempo é Chegado*.

Em *O Tempo é Chegado* (2001), os contos apresentam protagonistas infantis submetidos à violência e à exclusão social, reflexos das desigualdades estruturais e das tensões entre patrões e trabalhadores, agravadas pela decadência da lavoura cacauceira. Já em *O Menino Traquino* (1994), o autor reúne crônicas políticas e leves que denunciam a exploração no campo, combinando registros do cotidiano rural casas de farinha, lavouras e vilarejos com reflexões sobre política, cidadania e dignidade humana, sempre por meio de uma linguagem simples e marcada pelo vocabulário regional.

Outra obra relevante é *Comercinho do Poço Fundo* (1979), que reúne narrativas breves sobre o cotidiano de um vilarejo. Por meio de uma linguagem coloquial e expressões populares, Euclides Neto dá voz a sujeitos anônimos, revelando suas estratégias de sobrevivência, frustrações e esperanças. Para Britto (2022), essa atenção aos detalhes do cotidiano transforma suas narrativas em importantes documentos socioculturais.

Em *Trilhas da Reforma Agrária* (1998), Neto articula sua atuação como jurista e militante à escrita literária, defendendo a redistribuição de terras e a justiça social no campo. A obra adota um tom didático e engajado, buscando dialogar diretamente com o povo. Mendonça

(2020) destaca que esse tipo de produção contribui para a formação da consciência política do leitor, sem abrir mão de uma linguagem acessível.

A valorização da linguagem popular manifesta-se de forma contundente em *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores* (1997), que reúne expressões típicas do vocabulário rural do sul da Bahia, organizadas com humor e oralidade. Para o autor, “a literatura precisa falar a língua do povo, e o povo precisa se ver refletido nas palavras que lê” (NETO, 1998). Tal concepção dialoga com a perspectiva de Candido (2000), ao afirmar que a consolidação de uma literatura nacional depende da valorização dos elementos culturais e linguísticos regionais.

A novela *Os Genros* (1981) também merece destaque por sua análise crítica das relações familiares e das disputas de poder no espaço doméstico. Ambientada em uma família tradicional do interior, a obra expõe conflitos de interesse e de gerações em torno da herança, funcionando como metáfora das tensões entre tradição e modernidade. Apesar do recorte regional, a narrativa aborda temas universais, como injustiça, ganância, amor e envelhecimento.

Por fim, *O Tempo é Chegado* (2001) sintetiza os principais traços da produção euclidiana: o olhar atento sobre os excluídos, a crítica à ordem social, a ironia e o compromisso com a transformação. Os contos percorrem diferentes momentos da vida rural e urbana, abordando temas como infância, velhice, pobreza, riqueza, resistência e a decadência da lavoura cacaueira.

Nessa obra, destacam-se dois movimentos centrais: ascensão e declínio. No conto homônimo, o autor retrata o auge da produção do cacau, período marcado pela expulsão de trabalhadores de suas terras para a ampliação das grandes propriedades, e, posteriormente, a decadência provocada pela seca e pela praga da vassoura-de-bruxa. Como afirma o narrador: “A natureza vingativa, já disse. O sol, a vassoura-de-bruxa, a comedilha dos bancos, as casas roídas pelos bichos miúdos” (NETO, 2013, p. 18).

Em síntese, a obra de Euclides Neto articula literatura e crítica social, oferecendo ao leitor instrumentos para compreender a realidade do campo baiano. Ao valorizar a cultura popular, denunciar desigualdades e adotar uma linguagem acessível, o autor reafirma o papel transformador da literatura na sociedade brasileira, conforme apontam Cândido (2011), Britto (2022), Ferreira (2018), entre outros estudiosos do regionalismo crítico contemporâneo.

3. A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA REGIONALISTA EUCLIDIANA NO CONTO *O VELHO E OS TRÊS MENINOS*

3.1 A Literatura Regionalista Como Instrumento de Crítica Social

De acordo com o artigo *Revisitando a Crítica: O Regionalismo Brasileiro*, de Abrão Sousa (2021), o regionalismo na literatura brasileira é um fenômeno complexo e dinâmico, estudado por críticos como Afrânio Coutinho, Antônio Cândido e Lígia Chiappini. A partir dessas análises, Sousa (2021, p. 9) afirma que, “o regionalismo não deve ser compreendido como uma literatura de menor valor estético ou limitada ao espaço geográfico, mas como uma expressão cultural e social que revela a diversidade, as contradições e as tensões do país, indo além do pitoresco e do localismo”.

Isso porque, “o regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem uma literatura que tenha por ambiente tema e tipos uma certa região, em oposição aos costumes dos cidadãos” (SOUSA, 2021, p. 9)

Segundo o referido estudioso, o regionalismo é expressão literária que ultrapassa fronteiras e dá voz às identidades locais, em contraste com a cultura urbana dominante. Mais do que descrever lugares, essa vertente revela modos de vida, valores e resistências de diferentes comunidades. Nesse sentido, a escrita de Euclides Neto aproxima-se dessa perspectiva ao retratar o universo rural com sensibilidade e olhar crítico.

Desta maneira, o regionalismo vai além da localização, ele expressa a essência cultural e social das regiões brasileiras. Segundo Afrânio Coutinho (1964 apud Sousa 2021), o regionalismo pode ser entendido em dois sentidos:

[o primeiro] toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo”; o segundo, como “a substância [que] decorre, primeiramente, do fundo natural [...] das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região” (p. 10).

Ele defende que o regionalismo nasce junto com a independência literária e está ligado ao nacionalismo, sendo uma forma de “autodefinição da consciência local” pois “toda obra é pessoal, única e insubstituível [...]. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos” (CÂNDIDO, 2006, p. 147). É um meio de

afirmação nacional e construção da identidade cultural. Dessa forma, a literatura regionalista expressa a relação entre o local e o nacional, e como as experiências regionais refletem a realidade do país.

Lígia Chiappini (1997, apud Sousa 2021) por sua vez propõe uma revisão crítica sobre o regionalismo, na qual afirma que, apesar da globalização, o regionalismo “continua presente, tornando-se objeto de investigação de pesquisas atuais” (p. 153). Considera o regionalismo uma tendência moderna e universal, ao destacar que “o importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste” (p. 158). Ou seja, o regionalismo literário defendido por Chiappini expressa o modo como o universal se concretiza nas identidades locais, onde afirma seu valor cultural e estético.

Para Sousa, o regionalismo literário pode ser compreendido instrumento que valoriza as identidades locais e dá voz às realidades periféricas. O autor afirma que, “a literatura regionalista ultrapassa fronteiras geográficas, representando uma expressão legítima da cultura brasileira em diálogo com o universal” (SOUSA, 2021, p. 17).

Araújo (2008), considera o regionalismo decisivo na formação da literatura brasileira ao articular o universal e o particular. Mesmo considerado ultrapassado por alguns, renova-se no “romance nordestino de 30”, quando o local passa a expressar crítica social. Essa perspectiva dialoga com Euclides Neto, cuja escrita transforma o espaço rural em reflexo das lutas e desigualdades vividas pelos trabalhadores da zona cacauífera.

De maneira semelhante, Pelinser e Alves (2020) afirmam que o regionalismo permanece vivo na literatura contemporânea, como uma forma sensível de compreender o Brasil e representar suas diferentes realidades. Para os autores, “a literatura brasileira contemporânea deve muito à tradição regionalista, sem que isso implique questionamentos de qualidade estética” (p. 2).

Essas reflexões teóricas permitem compreender a obra de Euclides Neto como expressão do regionalismo brasileiro. Por meio de suas obras e romances, o autor apresenta um retrato expressivo e crítico da região cacauífera, em específico cidades do sul da Bahia, locais marcados por desigualdades sociais, conflitos agrários.

As narrativas de Euclides Neto dialogam com a perspectiva de Chiappini pois o regionalismo aproxima o leitor das realidades do homem pobre do campo e contribui para enfrentar o preconceito. Em sua obra, o espaço rural, especialmente as fazendas de cacau, torna-se lugar de resistência e denúncia das dores e lutas do trabalhador. Essa visão converge também converge para Coutinho que define o regionalismo como um conjunto de retalhos que compõem

o todo nacional. Assim, a escrita de Euclides Neto transforma o universo rural baiano em reflexo do Brasil e revela, a partir do local, a dimensão universal da experiência humana.

Para Mendonça (2020), a literatura contemporânea brasileira ainda carrega traços do regionalismo, justamente porque busca representar as especificidades culturais e sociais de regiões marginalizadas e distantes dos grandes centros urbanos. A esse respeito, ele pontua que “A literatura brasileira contemporânea mantém, em muitos autores, a herança do regionalismo, sobretudo ao dar visibilidade a espaços, culturas e personagens das margens, que ainda resistem à homogeneização dos grandes centros urbanos”. (p. 112)

Percebemos que a afirmação da autora acima destaca a permanência do regionalismo na literatura contemporânea brasileira como um traço fundamental de resistência cultural. Ao evidenciar espaços, personagens e culturas situados à margem dos grandes centros urbanos, os autores contemporâneos preservam tradições locais.

Ela destaca que a produção euclidiana ressignifica o regionalismo ao integrá-lo às discussões contemporâneas sobre exclusão, direitos sociais e cidadania. Essa perspectiva é coerente com o entendimento de Cândido (2000), para quem a boa literatura é aquela que revela os mecanismos da vida social e amplia a compreensão do mundo pelo leitor.

Segundo Britto (2022), as obras de Euclides Neto têm importância para o regionalismo brasileiro contemporâneo ao representar o sertão e o litoral baiano de forma crítica, sem ceder ao pitoresco. O escritor baiano retoma tradições orais, saberes populares e o vocabulário típico das roças de cacau para estruturar narrativas que expressam a complexidade de sua região.

Euclides Neto explora exatamente a possibilidade, mergulhar no universo dos esquecidos e descobrir por meio da palavra, a força de suas existências.

3.2 O Conto *O Velho e os três meninos*: representação das desigualdades e marginalização social

O conto *O Velho e os Três Meninos*, do livro *O Tempo é chegado* de Euclides Neto, se passa na cidade de Ipiaú, região cacaueira da Bahia. Os fatos ocorrem em dois locais - zona rural e zona urbana - dividido em três partes.

A primeira parte do conto retrata a seca, a pobreza, fazendeiros falidos, roças de cacau em decadência de produção. Na segunda, o narrador descreve o drama humano e a marginalização ao retratar a fome, abandono das crianças, famílias desestruturadas, os meninos de rua que aprendem a roubar, e a violência da polícia e da sociedade que os extermina. Na

terceira, aparece o velho Jeremias, um advogado aposentado e solitário que vive isolado em sua antiga casa de fazenda.

Numa noite, três meninos famintos, entre seis e oito anos, invadem sua casa à procura de alimento. Assustado, Jeremias se prepara para reagir, mas, ao perceber que se tratava apenas de crianças esfomeadas, muda de atitude. Ele observa em silêncio enquanto os meninos comem o que encontram (doces, salames, ovos e frutas), brincam pela casa, assistem à televisão e, exaustos, acabam adormecendo em camas limpas, com todas as luzes acesas.

Acontece o momento da compaixão, quando Jeremias se comove e decide protegê-los. Em vez de chamar a polícia, pede aos guardas que se afastem e deixa os portões abertos para que as crianças possam sair pela manhã. O desfecho do conto se dá quando o dia amanhece e os meninos vão embora. Restaram apenas as marcas de seus corpos magros e sujos nos lençóis brancos.

Em *O Velho e os Três Meninos*, Euclides Neto constrói sua denúncia das desigualdades sociais e da marginalização de grupos vulneráveis no interior baiano. Ele escreveu o que “viu e o que sentiu, sobre o vaqueiro, os humildes, casas de paredes divididas, os conflitos de posseiros com senhores de terras e dos conflitos do homem do campo preso à ambiência” (NETO, p.01).

Ao descrever o ambiente devastado pela crise econômica, Neto cria uma imagem intensa da desolação que atinge o interior baiano. O autor assim descreve:

Roça de cacau? Começava a amarelar as folhas, que iam caindo. Restavam talos e galhos secos, os troncos fofos, terra rachada, raízes mortas. As árvores do sombreamento pareciam mata catingueira. Calor de braseiro. Noites sufocantes. Amanhecer de fogo já aceso. Fazendeiro desesperado. Quando em vez, uma neblina rala pela madrugada, ventinho enganoso sinal de mais verão.” (NETO, 2013, p. 120).

Percebermos que Neto retrata o momento mais crítico da região, em um tempo de seca e crise da vassoura-de-bruxa que destrói as plantações e mergulha a população na pobreza. O cenário é de abandono e desespero, as roças de cacau morrem, os rios secam, os trabalhadores perdem o emprego e vagueiam pelas estradas em busca de comida. Esse cenário revela o colapso da natureza e também das relações sociais.

Como afirma Silva (2019, p. 18), “a narrativa de Euclides Neto apresenta um retrato fiel das condições de vida do homem do campo, denunciando a degradação econômica e social causada pela crise da lavoura cacaueira e pelas relações desiguais entre os grandes proprietários e os trabalhadores rurais.”

Essa perspectiva crítica se aproxima da concepção de Alfredo Bosi (1992, p. 143), segundo a qual “a literatura é uma forma de conhecimento que nasce do espanto diante da realidade, e seu valor está em tornar visível aquilo que o olhar social tende a ocultar.” Portanto, em *O Velho e os Três Meninos*, esse espanto nasce da miséria cotidiana do campo. O solo seco, o cacau decadente e o povo faminto retratam o fracasso de um modelo econômico. Desse modo, Euclides Neto faz de sua narrativa denúncias das injustiças que ferem a condição humana.

No decorrer do conto, percebemos que famílias inteiras são expulsas das fazendas e empurradas para as cidades, onde “eram consideradas invasoras e marginais” (BRITTO, 2022, p. 3). Percebemos que Neto traz esse contexto logo no início do conto para chamar a atenção do leitor para as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores de fazendas e donos de propriedades. Com isso, eram forçadas a buscarem oportunidades na cidade, o que também não oferecia melhorias. Podemos ver claramente na passagem do conto a seguir:

Famílias inteiras nas estradas, nas pontas de rua, nos casebres improvisados com o que achavam nos monturos [...]. Daí, as levas de gente se batendo, velhos, doentes, zanzando como um lixo, tangidos pelos ventos da miséria. Na roça ainda encontravam uma tambora de aipim, uma jaca, frutas do mato. Na cidade era a fome parda e suja. Famílias que traziam dúzias de meninos. As femeazinhas nem se perdiam mais. Não achavam quem as quisesse naquela magreza de esqueleto, seios de tábua. Não prestavam pra nada.

Os pequenos ganharam as praças. Ratazanas a farejar e pedir nas casas, olhos afundados na necessidade. Aqui um resto, ali uma fruta passada, acolá qualquer coisa que topavam pelo chão. (EUCLIDES NETO, 2013, p.120-121)

Observamos que Neto descreve a situação precária das pessoas comparando-as com “lixo”, para evidenciar a desumanização. Ou seja, a condição de “lixo” aponta para o processo de degradação da condição humana diante da pobreza. Isso reflete a precariedade da vida humana e nos permite compreender que os personagens são reduzidos à condição de “vidas nuas”, segundo o conceito de Agamben, como explica Britto: “Famílias ‘zanzando’, seres humanos ‘tangidos’, ‘ratazanas a farejar’ remetem à condição humana em estado de exceção, bem como sobreviventes e ‘vidas nuas’” (BRITTO, 2022, p. 3). Para a estudiosa, o termo “zanzar” traduz a condição do ser humano que não sabe para onde seguir e o termo “tangidos” expressa a rebanhos de animais que precisam ser direcionados o caminho.

Dessa forma podemos afirmar o quanto Neto utilizava dos textos literários como instrumento de denúncia e conscientização social, além de chamar atenção do leitor para reflexão crítica do processo de degradação da condição humana. Diante da pobreza, os seres humanos são reduzidos àquilo que a sociedade descarta, invisíveis, sem valor e sem voz.

Outro ponto importante do conto, que nos chama atenção, é quando Euclides

compara as crianças com ratos, “Ratazanas a farejar e pedir nas casas, olhos afundados na necessidade. Aqui um resto, ali uma fruta passada, acolá qualquer coisa que topavam pelo chão” (EUCLIDES NETO, 2013, p.120-121). Esta comparação do humano com animal reflete mais uma vez o processo de desumanização provocado pela miséria.

Dessa forma, podemos afirmar que a literatura tem uma função humanizadora ao denunciar a desumanização, pois permite reconhecer a dignidade e a complexidade da experiência humana, inclusive daqueles que vivem à margem da sociedade. Ao retratar crianças reduzidas à condição animal, Neto nos mostra o que ocorre quando essa humanidade é negada quando as estruturas sociais e econômicas produzem seres invisíveis e descartáveis. Portanto sua escrita reafirma o papel da literatura de denunciar a negação da humanidade para restaurar o olhar sensível sobre ela.

Percebe-se que os meninos, vistos como criminosos, são, na verdade, vítimas de uma sociedade que os abandona. As famílias migram para a cidade em busca de alternativas, mas não encontram sequer trabalho em troca de alimento. Muitas crianças acabam nas ruas, entregues à própria sorte, obrigadas a roubar para sobreviver e, por isso, perseguidas pela polícia. É por isso que, “Os calunguinhas logo aprenderam a roubar. E descobriram o prazer emocional do perigo. Atiçados mais ainda pela precisão de arranjar um quase nada para si e os de casa, que não encontravam trabalho, nem a troca de um prato de comida. (NETO, 2013, p. 121).

Percebemos que esse trecho remete ao ciclo de exclusão que transforma vítimas em culpados e nos mostra que a miséria não é algo natural, mas consequência de uma estrutura social marcada pela injustiça e pela desigualdade. É evidente o quanto Neto está engajado nas entrelinhas da narrativa ao denunciar as diversas formas de opressão que atingem os mais vulneráveis.

Ao descrever a marginalização das crianças em situação de rua, Euclides Neto mostra a face mais cruel da desigualdade social no trecho em que afirma:

Surgiu outra classe. A dos que instruíam os meninos a roubar [...]. Os pais estimulavam os pequenos a trazer para casa alguma coisa da rua, fosse o que fosse – a fome não tem vergonha, nem moral. Surravam-nos quando retornavam de mãos vazias. Muitos abandonaram os casebres. Dos que ganharam as ruas, onde passaram a morar, nasceram os mais perigosos. Crianças ladinas, logo escorraçadas pela polícia, com a aprovação da fina flor da sociedade. [...]. Vieram as matanças. Se Herodes fosse o delegado, talvez não houvesse tanto sangue derramado dos pivetes. Era a única maneira de vencer a praga invasora, dominando a cidade – calungas que se reproduziam aos milhares e, quanto mais eram eliminados, mais apareciam das profundas. A polícia vencida. A justiça não tinha como deter a onda. Epidemia destruidora. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 121)

Ao retomar a discussão das crianças, vulneráveis à miséria e a fome, observamos que Neto afirma que os “Os calunguinhas logo aprenderam a roubar”, e esclarece o motivo ao afirmar que, “Os pais estimulavam os pequenos a trazer para casa alguma coisa da rua, fosse o que fosse a fome não tem vergonha, nem moral” (EUCLIDES NETO, 2013, p. 121). A instrução dos pais nos mostra como a sociedade se comportava diante da fome, assim Neto revela mais uma vez o processo de desumanização das crianças pobres, tratadas como ameaça e não como vítimas de um sistema que exclui. Fica evidente como a fome dissolve os limites morais e transforma o instinto de sobrevivência em necessidade coletiva.

Nessa perspectiva, a literatura de Neto cumpre o que Bosi (1992, p. 143), afirma ser “uma forma de conhecimento que nasce do espanto diante da realidade”. Assim, o autor transforma a dor social em reflexão crítica ao mostrar a verdadeira face da sociedade e ao afirmar que: “Dos que ganharam as ruas, onde passaram a morar, nasceram os mais perigosos. Crianças ladinas, logo escorraçadas pela polícia, com a aprovação da fina flor da sociedade” (EUCLIDES NETO, 2013, p. 121).

Observamos que não se trata apenas de um conto aleatório, mas de uma crítica direta, ao mostrar que a violência contra os menores é legitimada por uma sociedade indiferente e cúmplice da desigualdade. Ademais, ao destacar a frase “com a aprovação da fina flor da sociedade”, o autor afirma a intencionalidade crítica presente na obra, voltada a expor as contradições morais e sociais do seu tempo.

Além disso, Euclides Neto expõe o agravamento da violência institucional contra os pequenos ao afirmar: “Vieram as matanças. Se Herodes fosse o delegado, talvez não houvesse tanto sangue derramado dos pivetes”. Conforme Britto (2022, p. 05) “Destaca-se alusão ao texto bíblico, no qual crianças são assassinadas a mando do rei Herodes, que visava matar o futuro rei de Israel, quando do nascimento de Jesus.”

Em “A polícia vencida. A justiça não tinha como deter a onda. Epidemia destruidora”, temos a denúncia da política de extermínio e a falência das instituições diante da desigualdade. Essa crítica dialoga com Bosi (1992, p. 146) por considerar a arte uma forma de resistência simbólica frente à opressão. Dessa maneira, Neto transforma as opressões sociais em reflexão crítica para seus leitores, além de expor a impotência do Estado e a necessidade de humanização diante das injustiças.

Aqueles vistos como bandidos eram, na verdade, vítimas da exclusão: pessoas sem oportunidades, expulsas de suas terras e submetidas a relações de trabalho degradantes. Como afirma Antônio Candido (2006, p. 182), “a arte age sobre o homem e a sociedade,

mundificando-lhes o sentimento e a visão do mundo”. Em Euclides Neto, essa transformação se dá por meio do realismo que denuncia a situação dos esquecidos, despertando no leitor indignação, empatia e a compreensão da necessidade de justiça social.

No conto, percebemos que Neto denuncia a violência institucional e a cumplicidade social diante do extermínio das crianças pobres. As perseguições e os castigos revelam um sistema que desumaniza os inocentes e transforma a miséria em crime. Conforme Britto, os pequenos eram perseguidos, presos, torturados e assassinados com a anuência do poder constituído, a polícia e o judiciário, enquanto a sociedade civil, representada pela “associação de cidadãos”, assume o papel de caçadora dos meninos de rua, como podemos observar:

Organizou-se uma associação de cidadãos encarregados de apanhar os delinquentes mirins e levá-los à delegacia, já entupida deles. Muito ciosos de seus deveres de patriotas, agiam com energia e eficiência. A seca enchia os homens de ódio (todo ódio é aliviado em alguém, quando não se pode vingar do causador), e o descarregavam nos meninos de rua. Faziam armadilhas. Deixavam comida ou algum objeto de valor à vista deles. Claro que os olhos gulosos dos abandonados logo davam fê. Paravam, conferiam se havia alguém por perto. Nem vivalma. Pulavam o muro ou grade. Quando iam tocando na isca, mãos invisíveis os apanhavam pela goela e eram esbofeteados.” (NETO, 2013, p. 122).

Observamos nessa passagem, que o autor retrata uma sociedade marcada pela hipocrisia e pela crueldade, em que a elite local encontra nas crianças famintas o alvo sobre o qual descarrega sua frustração e suas perdas causadas pela seca. O ódio social substitui a empatia, e a violência passa a ser tratada como justiça. Mais uma vez Neto faz o seu papel, através da literatura, denunciar as mazelas, o caos, as perseguições por parte da elite e dessa vez com aval das instituições do Estado.

Dessa maneira, as contribuições de Neto em retratar a realidade se aproxima da reflexão de Antônio Cândido (2004, p. 177), ao afirmar que “a literatura é o sonho acordado das civilizações; por isso, mais do que espelho, ela é consciência”. Na literatura de Neto, essa consciência se manifesta na denúncia da barbárie e na exposição das contradições morais de uma sociedade que legitima a morte dos inocentes em nome da ordem do poder público.

Na terceira parte do conto, acontece o encontro do velho e os três meninos. É o momento crucial da narrativa, passa da denúncia social à reflexão crítica e afetiva. Como podemos observar em

Os três meninos saltaram o portão. O silêncio da casa informava da ausência dos moradores. Nenhuma luz acesa, já noite avançada. Mas o velho Jeremias ouviu o estilhaçar da vidraça. No escuro, enxergando o caminho com as pontas dos dedos, conferiu. Apanhara o revólver por precaução. (NETO, 2013, p. 122).

Notamos que as crianças invadiram a casa à procura de alimento, e lá estava o velho Jeremias, abandonado à solidão. Advogado, dono de propriedade com lavoura do cacau, mas que no momento estava em decadência por razões da seca e da vassoura-de-bruxa. Nesse momento acontece o encontro de dois mundos diferentes, a pobreza das crianças, solidão do velho, ambas vítimas do abandono social.

Britto (2022), chama a atenção para o medo de Jeremias. Segundo a estudiosa, é resultado dos enquadramentos sofrido pelas crianças, “ratazanas”, “animais invasores”, que o narrador faz nas passagens anteriores do conto. A autora afirma:

Inicialmente, ao ver que os meninos quebram a vidraça da porta, o velho também lhes prepara uma armadilha, seguindo a ordem natural dos acontecimentos. Abre-lhes a porta, sorrateiramente, afim de – devidamente armado – surpreendê-los incontinentemente. Assim procedendo, mas sem atirar ou aparecer para as crianças, o velho se esconde e mantém se armado durante o período em que os meninos permanecem na residência. A armadilha, o medo e a posse do revólver são resultados dos enquadramentos sofridos anteriormente pelos menores de idade. (Britto 2022, p. 7).

Percebe-se que o velho segue o padrão da sociedade, ao fazer armadilhas para eliminar os invasores. No entanto, o velho prefere acompanhar toda a ação escondido. Segundo Butler (apud Brito, 2016, p. 23), “Se alguém é incriminado, enquadrado, em torno de sua ação é constituído um “enquadramento”, de modo que o seu estatuto de culpado se torna a conclusão inevitável do espectador”. Isso aponta para o medo que Jeremias sentiu ao ter sua casa invadida, justamente pelos pré-julgamentos feito pela sociedade às crianças.

Após invadirem a casa, os meninos conferem o interior da residência, em seguida vão à cozinha e deparam com o armário e geladeira fartos de alimentos e guloseimas, como afirma Neto:

Os meninos não sabiam por onde começar. O menor que depois se soube era o chefe, apanhou um frasco de boca larga, com doce de goiaba e nele meteu os gadanhos. Tanto comia quanto se melava e melava o chão, pia, o que houvesse para melar. Começaram a guerra de brincadeira e alegria com queijo, pedaços de salame, linguiça. (NETO, 2013, p. 123).

O que chama atenção nessa passagem é o contraste entre a fartura e a miséria. Mesmo com dificuldades, o velho advogado vivia em uma casa farta, com geladeira cheia e móveis bem cuidados, enquanto tantos ao seu redor passavam fome. O narrador evidencia essa contradição ao dizer: “Abriram a geladeira. Os vasos de doces. O velho Jeremias ficava sem comprar roupa e sapato, obrigado agora pela crise, mas a geladeira vivia repleta de gulodice” (NETO, 2013, p. 123).

Essa cena expõe o abismo social e moral de uma sociedade marcada pelo egoísmo e

pela desigualdade. Enquanto a elite mantém o privilégio do excesso, a sala enorme, guarneçada, até gulodices, as crianças famintas encaram a fartura com espanto e desejo. Do mesmo modo, Britto (2022, p. 6), afirma que Neto “não retrata a pobreza apenas como carência material, mas como sintoma de um sistema que naturaliza a exclusão e a desigualdade”. Portanto, o contraste entre o luxo de Jeremias e a miséria dos meninos sintetiza a denúncia central do conto, a interrelação entre abundância e fome, privilégio e abandono.

Os meninos, antes tratados como perigosos, apenas buscavam comida, brincavam e assistiam televisão, enquanto Jeremias observava tudo escondido. Ao vê-los deitarem e retomarem a inocência infantil, o velho advogado passa a entender que não eram ameaça alguma, mas vítimas da fome e do abandono. O medo inicial se transforma em compaixão, e o velho começa a enxergar nos meninos a fragilidade que a miséria lhes havia roubado. Essa mudança fica evidente quando o narrador descreve:

As fisionomias dos meninos envelhecidas pelo desespero estavam tranquilas. Voltaram a ser crianças. Dormiam como os inocentes dormem. Talvez até sonhassem com uma casinha, comida, uma cama e o colo da mãe. Com certeza, sonhavam. O velho começou a chorar baixinho. Abriu os portões do fundo. Chamou os guardas e lhes disse: - afastem-se um pouco. Estou com visitas e não quero que vocês saibam quem são elas. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 124).

A cena em que “as fisionomias dos meninos envelhecidas pelo desespero estavam tranquilas” e o velho “começou a chorar baixinho” nos mostra o momento crucial do conto, pois devolve humanidade às crianças a qual a fome e o abandono haviam tirado. Quando o narrador afirma que elas “voltaram a ser crianças” e “dormiam como os inocentes dormem”, desfaz o estigma que as classificava como delinquentes e mostra que a violência nunca os pertenceu, ela vinha da própria sociedade. Nesse instante, Euclides Neto suspende a brutalidade da narrativa e cria um espaço de acolhimento, onde a dor infantil encontra, pela primeira vez, um gesto real de cuidado.

O choro silencioso de Jeremias simboliza o retorno da sensibilidade e o despertar de uma consciência social antes adormecida. Ao proteger os meninos dos guardas, o velho rompe com a lógica punitiva que marcava a cidade e deixa emergir aquilo que o próprio Cândido (2006, p. 182) afirma: “A literatura revela certas relações dos homens entre si, representando uma socialização dos impulsos íntimos.” Aqui, esses impulsos aparecem na forma de compaixão, ao trazer o olhar sensível de Jeremias.

Nesse momento, Jeremias abandona o olhar social dominante e enxerga nas crianças o que elas realmente são: vítimas da miséria, do abandono estatal e da indiferença coletiva.

Como analisa Britto, “a condição de sujeito afetado demonstrada pelo velho em relação à sobrevida dos meninos remete à necessidade de retomar o corpo em sua dor, capaz de ser afetado pelas forças do mundo” (BRITTO, 2022, p. 8)

E o desfecho do conto, ganha destaque por mudar o enfoque da narrativa, antes os meninos eram vistos como “invasores”, no final são chamados de “hóspedes”, como podemos em “Ao amanhecer, o advogado foi olhar os hóspedes. Os ladrõezinhos tinham ido embora. Nos lençóis de linho muito alvos deixaram a marca dos corpos magros e sujos sudários da fome.” (NETO, 2013, p. 124).

Tal desfecho, nos mostra uma das imagens mais crítica da narrativa. O primeiro ponto que me chamou atenção, foi a classificação dos pequenos como “Hóspedes”. Podemos ver claramente que já se tem um olhar humano e social em relação aos meninos. Britto (2022), também chama atenção para essa passagem quando diz:

A partir desse enquadramento, surgem novas representações: não mais “invasores”, “ratazanas”, mas sim como “visitas”, “hóspedes”, elevadas à condição de animal humano. E, por fim, pelas marcas deixadas nos “lençóis alvos de linho”, ali as reconhecem como “sudários da fome”. Ao distanciá-las da condição de animalidade, as humaniza, e lhes imprime sentido diáfano. (BRITTO, 2022. P, 07).

De acordo a estudiosa, esse gesto mostra a transformação humana que atravessa o conto. As crianças, antes tratadas como ameaça, reaparecem no final como testemunhas da falência social, ao deixar nos lençóis de linho alvos o registro da desigualdade que as formou. Em “Nos lençóis de linho muito alvos deixaram a marca dos corpos magros e sujos - sudários da fome” (NETO, 2013, p. 124) podemos afirmar que as marcas dos corpos sujos que ficaram nos lençóis retratam a imagem da sociedade, a miséria e pobreza inscrita nos corpos das crianças. Essa marca de sujeira e corpos magros; “sudários da fome”, é uma passagem metafórica que representa o rastro de uma infância destruída por um país que falhou em garantir o básico para seus cidadãos mais vulneráveis.

Essa leitura se aproxima diretamente com a crítica presente na música “*O País é Culpado*”, de Edson Gomes, quando o artista denuncia que “o país é culpado pelo cidadão que tem”, expondo que a violência, a marginalização e o abandono não surgem no indivíduo, mas da omissão estrutural do Estado. Como podemos ver na letra da música :

Conclusão: o país é culpado Somos sobreviventes do tempo
Somos filhos da santa Esperança
Somos passivos resistentes
Mergulhados em toda essa lama

A crítica de Edson Gomes à sociedade reforça o que Neto retrata no conto. As crianças, reduzidas a “sudários da fome”, representam o retrato de um país que não garante dignidade aos seus próprios filhos. E assim observamos que “Toda obra literária verdadeira carrega em si a capacidade de denunciar a opressão e iluminar as formas de injustiça.” (CÂNDIDO 1970, p. 67).

Tanto a literatura de Euclides Neto quanto a música de Edson Gomes nos lembram que a desigualdade é fruto de construções sociais e que nenhuma sociedade pode ser justa enquanto continuar virando as costas para seu próprio povo. Do contrário, restará apenas o reflexo denunciado por Edson Gomes na música “**Sociedade Falida**”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, percebo que a literatura de Euclides Neto oferece uma visão crítica sobre a desigualdade social regionalista e de caráter nacional. Meu objetivo foi compreender de que maneira o conto *O Velho e os Três Meninos* denuncia a marginalização da infância em tempo de crise e considero que essa proposta foi respondida ao longo de todo o estudo.

No primeiro capítulo, refleti sobre a função social da literatura e pude observar a importância da arte na formação humana. A leitura de autores como Antônio Cândido e Alfredo Bosi me mostrou que a literatura cria espaços de sensibilidade e consciência humana.

No segundo capítulo, ao revisitar o contexto histórico da região cacaueira, compreendi como a crise da Vassoura-de-Bruxa atingiu de forma brutal a população mais pobre. A leitura de Silva (2019) e Britto (2022) me ajudou a entender que Euclides Neto não inventa a miséria, ele a transforma em linguagem literária para que o leitor enxergue aquilo que, muitas vezes, a sociedade prefere ignorar. Percebi que a seca, a fome e a pobreza são cenários da falência de um sistema que abandona seu próprio povo.

No terceiro capítulo, ao analisar o conto de forma minuciosa, pude observar como o encontro entre Jeremias e as crianças sintetiza todo o drama humano retratado na narrativa. As crianças, descritas como corpos que exprime “sudários da fome”, simbolizam vidas marcadas pela exclusão desde o nascimento. O momento em que o velho chora diante delas me pareceu um dos trechos mais significativos, porque revela que a empatia ainda é possível mesmo em um contexto de tanta desumanização. Foi ali que percebi, de forma mais clara, o que Cândido diz quando afirma que a arte transforma nossa visão do mundo e nos convoca a reconhecer o outro. Além disso, consegui incorporar a visão de Edson Gomes, artista que canta sobre desigualdade, racismo, lutas sociais. Suas ideias dialogam com a literatura de Neto, pois tem a mesma linha crítica, em denunciar as injustiças da sociedade, expor através da arte as mazelas sociais, e dar voz aos povos que a sociedade insiste em invisibilizar.

Chego ao final deste trabalho convencido de que Euclides Neto utiliza a literatura regionalista como instrumento de crítica. Ele faz da ficção um meio de denúncia, exibindo a pobreza, o abandono e a violência que atingem principalmente as crianças. A literatura dele mostra que a desigualdade e marginalização não nasce do indivíduo, e sim de estruturas que atravessam a história do país. Essa consciência reforça a relevância da literatura como instrumento para pensar as injustiças sociais que continuam presentes em nosso tempo.

Concluo que *O Velho e os Três Meninos* vai além do aspecto estético e assume um papel de resistência de lutas dos menos favorecidos, dos que ficam a par da sociedade. A obra faz com que nós, leitores e pesquisadores, vejamos a dura realidade de muitos brasileiros que seguem invisíveis para o Estado e para a sociedade.

Acredito que essa é a grande contribuição de Euclides Neto: transformar o sofrimento humano em memória literária e nos lembrar que a justiça social só se constrói quando reconhecemos a humanidade daqueles que têm sido historicamente silenciados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. *Revista Letras*, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.
- BRITTO, Ana Sayonara Fagundes Marcelo. “O velho e os três meninos”, de Euclides Neto – uma proposta de análise. *Atena Editora*, 2022. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/o-velho-e-os-tres-meninos-de-euclides-neto-uma-proposta-de-analise>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem: personagem e situação no romance “Memórias de um sargento de milícias”*. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 28-29, p. 5-37, abr./set. 1972.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 10. ed. São Paulo: Nacional, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. *Na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CÂNDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. p. 169-191.
- CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- CARDOSO, João Batista. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2006.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências: Literatura, Identidade e Resistência*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.
- FERREIRA, Juliana Cristina. A loucura social presente no conto “O velho e os três meninos”. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 19, n. 45, p. 62–74, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/4762> . Acesso em: 25 maio 2025.

GOMES, Edson. Criminalidade. YouTube, 20 out. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFfh9QHQuA3YV2x4qZtmWwQ> . Acesso em: 20 out. 2025.

HADDAD, Paulo Roberto. Pobreza e Desigualdades Sociais: Três leituras e o caso brasileiro - Parte I. Brasil Amazônia Agora, 2023. Disponível em: <https://brasilamazoniaagora.com.br/pobreza-desigualdades-sociais-1/> . Acesso em: 28 maio 2025.

MACENA, Matheus Sousa de; MENEZES, Leticia Dultra de Faro; OLIVEIRA, Franklyn Jeferson Costa de. “O Menino e o Mundo”: significados de escolares acerca das desigualdades sociais. Linhas Críticas, v. 26, e32148, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1935/193567257035/> . Acesso em: 29 maio 2025.

MACIEL, Carla; BRITO, Suerde; CAMINO, Leoncio. Explicações das desigualdades sociais: um estudo com meninos em situação de rua de João Pessoa. Psicologia: Reflexão e Crítica, v.33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kwN9gXv5fjS78pn66TYFcTQ/> . Acesso em: 28 maio 2025.

MENDONÇA, Maria Aparecida. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 59, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Zh6d4tsH8prmNkxn9KfDfHy> . Acesso em: 28 maio 2025.

NETO, Euclides. *O Patrão: romance*. 2. ed. rev. Salvador; São Paulo: Littera Criações Ltda., 2013.

NETO, Euclides. *O Tempo é Chegado: contos*. 2. ed. rev. Salvador; São Paulo: Littera Criações Ltda., 2013.

NETO, Euclides. *Comercinho do Poço Fundo*. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 8 jun. 2025.

NETO, Euclides. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 05 jun. 2025.

NETO, Euclides. *Literatura para o povo*. Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, n. 1, 1998. Disponível em: <https://euclidesneto.com/obra/artigos/literatura-para-o-povo> . Acesso em: 28 maio 2025.

NETO, Euclides. *Machombongo*. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 6 jun. 2025.

NETO, Euclides. *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 3 jun. 2025.

NETO, Euclides. *O tempo é chegado: contos*. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 3 jun. 2025.

NETO, Euclides. Os genros: novela. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/8523210822> . Acesso em: 15 jun. 2025.

NETO, Euclides. Trilhas da reforma agrária. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/busca/euclides-neto> . Acesso em: 16 jun. 2025.

PELINER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda. A permanência do regionalismo na literatura brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 59, 2020.

SILVA, Albione Souza. Os despossuídos da terra: conflitos sociais no campo e representações dos trabalhadores rurais na produção intelectual de Euclides. Alagoinhas, 2019.

SOUSA, Abrão de. Revisitando a crítica: o regionalismo brasileiro. Revista Humanidades e Inovação, v. 8, n

